

Publica-se aos sábados
Sob os auspícios da Liga
Anticlerical do Rio

ASSINATURAS:
ANO 10\$000
SEMESTRE 6\$000
PAGAMENTO ADIANTADO

Nas assinaturas para o exterior
há a diferença do porte do Correio.

A Lanterna

ANTICLERICAL E DE COMBATE

DIRECTOR:
EDUARD LEUENROTH
Redação e administração
Largo da Sé n. 5 (Sobrado)
CAIXA POSTAL, 195
Endereço telegráfico: LANTERNA
Toda correspondência ao diretor
deve ser enviada ao endereço



DA PORTA DE EUROPA

Balanço de 1912
LISBOA, 5 DE JANEIRO
Não é propriamente um balanço do ano, nem sequer um balanço da obra humana universal durante os fugidios doze meses que o calendário cristão fez terminar há cinco dias: não caberia isso num artigo e muito menos nas minhas forças. Trata-se apenas de um rápido relance de olhos retrospectivo a alguns aspectos mais salientes da grande luta pela emancipação dos oprimidos.

Sob o ponto de vista anticlerical, o ano de 1912 abriu, neste extremo da Europa, pela grandiosa manifestação de 14 de janeiro, em resposta às demonstrações de simpatia do dia de ano bom ao patriarcal e em apoio das medidas do governo contra os bispos; para terminar bastante desastrosamente com a publicação da carta presidencial propondo a amnistia dos bispos castigados — publicação desastrosa, em vista da atitude tomada pelo Estado em face da Igreja.

Mas foi com os seus ardentes episódios da questão social que o ano findo mais se distinguia. O mês de janeiro ficou, em Portugal, assinalado pelas greves rurais do sul e pelo feito de armas com que se illustrou em Évora, no dia 24, a valente guarda republicana, proeza a que respondeu no dia 29, em Lisboa, Setúbal e outras povoações do sul uma greve geral de solidariedade com as vítimas das violências da autoridade, de protesto contra as detenções de grevistas e contra a violação do direito de associação.

Esta digna greve de solidariedade e de protesto desorientou de todo o governo, que fantasiou nela os mais abraçadantes intuitos e recorreu aos grandes meios dos tempos de guerra, depois de ter concordado numa solução pacífica que ia realizar-se!

E vieram as desastrosas inéduas de terror: estado de sítio, suspensão de garantias, governo militar, censura prévia, espiões, formidáveis céreos da Casa Sindical de Lisboa no aniversário da revolta republicana do Porto, centenas de presos nos porões dos navios, a calúnia infame e grotesca de maneio monárquico, a prisão de militantes operários mantida durante meses, para quê, por fim, em maio, miseravelmente, na mais desoladora penúria de provas e de pretextos, o governo se agarrasse a táboas salvadoras da amnistia... para si mesmo.

Depois, em 29 de maio rebentou a greve do pessoal dos eléctricos e ascensores de Lisboa, que um mês depois, sob o falso pretexto da garantia da "liberdade de trabalho" — quem os havia de supor defensores do trabalho livre! — foi esmagada violentamente pelo então recém-formado ministério, hoje demissionário. E mais um mês de cadeia, sem provas, sem culpa formada, sem julgamento, sem as formalidades do estilo, enfim, a um certo número de militantes sindicais — que o governo, cuja firmeza as classes conservadoras tanto louvaram, queria já força ver pronunciados e condenados, mesmo sem motivos.

Em julho, tivemos a liquidão fácil da aventura couce-

rista, com franco rejoiço, não só para os puros republicanos, mas para todos os homens de progresso e para todos os que desejam ver o terreno da luta social varrido da arcaica questão raleana e do perigo monárquico explorado pelos politicos.

Mas tudo foi modesto e reduzido, diante dos sucessos sociais da Europa e do mundo. Entre as greves, não citarei senão algumas das que marcaram época. Tais foram, as de 29 de fevereiro, a 8 de abril e a grande greve dos mineiros ingleses; em março, a dos ferroviários andaluzes e dos mineiros da Boêmia; em maio, uma violenta greve geral política em Budapeste, a grande greve dos descarregadores de Londres e de novo a dos ferroviários andaluzes; em junho, greves em Almeria, dos mineiros de Oviedo e de ferroviários em Boston; em setembro, a dos ferroviários espanhóis, logrados por Canalejas, com o auxílio de politicos e «viudeiros»; em outubro, a greve dos tipógrafos de Milão. E não falo nas que tiveves perigo de vós, no Brasil e na Argentina.

Mas entre todos esses movimentos — abressai, pelo seu alcance, pela ideologia revolucionária que a move, a grandiosa e ardente agitação contra a guerra, contra os maneios da diplomacia, dos financeiros e dos governos, tendentes a provocar entre os povos dos países industriais mais adiantados uma espantosa carnicina, que afogaria em sangue os atuais anseios de emancipação e faria recuar, talvez por meio século, a nossa trabalhosa civilização moral, fruto de tantas penas, tantas dedicações, tantos martírios.

A nota mais propulsora e revolucionária foi dada pelo operariado de França, pela Confederação Geral do Trabalho, com seu congresso extraordinário de 24 e 25 de novembro e a sua greve preventiva de 16 de dezembro, para sempre memoráveis. O clamor foi lançado e certamente ouvido: o proletariado não marchará para a guerra entre povos, entre irmãos — mas, se a isso o quizerem constringer, marchará contra os seus tiranos e exploradores. Que se batam entre si, se lhes aprez, os donos de pátrias, os corvos e tubarões. Que formem regimentos os financeiros, os governantes, os diplomatas, os industriais, os deputados, os parasitas burocratas e capitalistas.

Em suma, não nos desanimamos ao ano de graça de 1912. Foram 12 meses de esforços e de sementeira. Foi um ano de vitórias, porque foi um ano de lutas, sempre renovadas. Não há derrotas quando se persiste na luta, quando as energias renascem e se multiplicam. Não há derrotas para as forças do futuro, porque para elas a vitória caminha com o próprio tempo.

As potências de opressão foram rudemente sacudidas, trovejou sonoramente a voz da liberdade e da revolta — contra todas as formas de tirania, contra o banditismo dos exploradores, contra o despotismo dos governos, contra a mentira dos bonzãos.

Senpre para a frente, pois!
Neno Vasco.



— Sr. vigário, roubaram da igreja o cofre das esmolas das almas!
— Ah! que desgraça, se tiraram o dinheiro das almas, o que vai ser de nós ?

GALEGOS, CARCAMANOS E GRINGOS

São de uma força, de uma lógica de argumentação pasmosa quando defendem os seus sordidos interesses os sr.s. práticos.

Pois não é que estão a morrer de ver os seus colegas da outra banda do Atlântico, porque estes não querem que para cá venham os galegos, carcamanos e os gringos seus compatriotas!

Nos seus jornais só se leem lamentações, gritos de indignação e de desespero, ameaças mesmo por causa de medidas por eles tomadas com respeito à emigração.

E' um gosto ouvi-los argumentar. Se se agarram a Afonso Costa, é um detestável e abominável sujeito, um vulgar demagogo, um carbonário; se a Bernardino Machado, uma coisa qualquer pra' se a Prieto, se a Romanones, idem, idem.

E' um verdadeiro bando de gansos, de peçoços teos e de bicos abertos a grasnar com o ar pateta que distingue estas aves palimpêdes.

Ah! clamam, a coisa não se irá assim. Querem nos privar dos imigrantes; querem que o Brasil não tenha gente para colhe'r o seu rico café. Veremos!

E' havemos mesmo de ver que acabarão ameaçando estes senhores e os seus respectivos países com os canhões do S. Paulo e do Minas, como dizem que fizera ha tempo um ex-ministro brasileiro em Paris com o então presidente do Conselho francez. A cousa foi de um ridiculo imenso.

Diante da ameaça quixotesca, o ministro sorriu e respondeu: «pois bem, excelencia, agora só tenho que prevenir os meus colegas da guerra e da marinha para que eles não pensem os nossos portos em estado de defesa contra o ataque da esquadra brasileira...»

Quem duvidar, procure na coleção do *Journal do Comercio* que lá encontrará o facto melhor narrado, bastando acrescentar que naquela época ainda não possuíamos estas máquinas. Que não farão agora que a sua corteza de vista os leva a supor que teem uma esquadra formidable.

O patriotas, vocês são mesmos umas aguilas! Pois então vocês fazem uma lei para poderem á vontade recambiar para lá os operarios que já não teem uma venda diante dos

olhos; querem que o pessoal volte a perturbar o sono dos vossos benaventurados colegas? Pois não vem, não percebem que desmbaragar-se desta gente é a maior preocupação, o desejo de todos os dias dos tubarões grandes e pequenos que governam hoje o mundo?

Berrais urbi et orbi que precisais de gente para a lavoura, para plantar o café, a estimada do Brasil, para deixar o leite macio pela manhã alta; que necessais de fabricas que tecam a batista fina com que haveis de cobrir a pele rosada e assestada das vossas esposas, das vossas amantes,

Muito bem. Tendes, não há duvida, muitissima razão de gostar do que é bom, lá isso tendes. Eu pela minha parte tambem gosto destas coisas. Haveis de convir, entretanto, que aqueles que terão aqui vém tambem são filhos de Deus.

Ah! estou a ouvir responder-me em côro, cheios de indignação, os bons patriotas: — Querem tambem comer como nós! então vão para suas terras, seus galegos, seus carcamanos, seus gringos. Fora anarquistas!

Rio, 26 — 1 — 913

Adrenal.

O Vaticano

O Vaticano mede uma circunferencia de 11 mil dois kilometros. Contém 10.000 compartimentos; 4.422 grandes e 6.579 menores; 20 patios; 204 escadarias, grandiosas galerias, insumos e perfumados jardins; um grande museu de pintura, outro de escultura e outro de antiguidades, que valem milhões.

A biblioteca é a mais completa do mundo. A capella Sixtina, por si só constitue um verdadeiro tesouro.

O barrete ou tiara pontificia está adornada com 10 rubis, 24 perolas e 1 esmeralda: a cruz que tem como remate é formada de 12 brilhantes. O brilhante principal que corôa a tiara é do volume de uma noz. Esta joia foi comprada por Julio II no século XVI pela quantia de 20.000 ducados.

Cerca do Vaticano ha um arsenal chamado Bos-viste. Nele estão á disposição de s. s. 125 baterias, 9.200 grandadas e um numero de artilheiros.

O gasto diário do papa é calculado em tres contos de reis, ou sejam mil noventa e cinco contos ao ano.

Desde 1.860 a 1.900 o dinheiro do S. Pedro, ou seja o recolhido da esmola em quarenta anos, ascenden a cinco milhões de francos.

Do altar ao pregoi

Vou dar uma noticia que, se não fosse facil comprova-la, todos julgariam uma calúnia.

Éis o que com effeito aconteceu. Na casa de penhores do cidadão João Favas, em Coimbra, encontrase uma porção de santos, de aspectos e tamanhos diversos, que são o alvo de todas as atepções.

Entre eles está um S. João Baptista, quasi do meu tamanho, um bispo de mitra á baculo, talvez Santo Agostinho, e uma Nossa Senhora, já desbotada, mas na grave posição de quem dá de mamar ao criador e redentor do mundo! Quando eu descobri, anichados a um canto, aquellas mysticas figuras, á mistura com baldes e bidets, lançando os seus divinos olhos áquello montão de coisas varias, onde o mais que se vê são misérias humanas, entulho social, alegrias desfeitas, orgulho descado, casos de desespero, coisas, enfim, que se não podem traduzir, quando eu, pois, as descobri, no triste olvido do seu canto, henri-me duas vezes, com a mão direita aberta, da testa ao peito e do ombro esquerdo ao direito!

A que estado chegou a religião da Igreja! Em que triste miséria vão caíndo as coisas do senhor! S. João, pois então esses santos, de prodigios feitos, de poder tão excoelso, que tanta vez acudiram á humanidade aflita, vão vir deitados na terra um olho que os veja? Não haverá no mundo uma alma compadecida que ali vá resgata-los? restitu-los ao altar e ao culto publico? leve-os para Deus?

Eles, que em tantos casos suspendem os seus olhos para a terra, que tanta vez mudaram o curso aos rios e aos factos, que a tantos cozes deram vista, a tantos tristes alegrias, pôo a tantos tamíntos, vigor a tantos alquebrados; que tanta vez recuperaram faculdades abeladas, aliviarão dores faculdades, dadas, falia aos cozes, ouvido aos surdos, pernas aos cozes, juizo aos doidos, ali foram cair, numa casa de prego, sujeitos á zombaria da plebe, á zombaria da caridade, á zombaria da heresia. A caridade!

Eles, que foram deuses omnipotentes, expostos agora ao obolo de quem quer comprar-los! S. João, pois então esses santos, de prodigios feitos, de poder tão excoelso, que tanta vez acudiram á humanidade aflita, vão vir deitados na terra um olho que os veja? Não haverá no mundo uma alma compadecida que ali vá resgata-los? restitu-los ao altar e ao culto publico? leve-os para Deus?

Eles, que foram deuses omnipotentes, expostos agora ao obolo de quem quer comprar-los! S. João, pois então esses santos, de prodigios feitos, de poder tão excoelso, que tanta vez acudiram á humanidade aflita, vão vir deitados na terra um olho que os veja? Não haverá no mundo uma alma compadecida que ali vá resgata-los? restitu-los ao altar e ao culto publico? leve-os para Deus?

Como direis então da Virgem Imaculada, igualmente deposta do seu trono? Que pensareis da Mãe de Deus, igualmente esquecida entre as coisas tremendas e sacralas, sem recato nem defesa, encostada a um figurão de mitra como qualquer machada deste século, exposta á zombaria dos descrentes?

Durante o curto espaço que á vista deste grupo me detive, ponderando estas coisas tremendas e sacralas, pessoas varias desfilaram, deitando olhares perscrutadores, inquirindo alguns deles os preços das figuras.

Quantos quer cá pelo sítio? perguntou um acadêmico, apontando para o bispo da mitra. — Este figurão, quanto é que vale? indagou um sujeito baixo e gordo, passando a mão pelo ombro do Baptista. Outro, de bigode ruivo e chapéu mole, perguntou, apontando com o chapéu de chuva para Nossa Senhora: Quanto quer cá por este mono? E este gajo do lado?

Benzi-me de novo! O comprador apontava para um pobre e miseravel santo da corte do coze, martir pela segunda vez, e encolheu os braços as pernas partidas, sem duvida na execução de algum milagre mais difícil.

Que escandallo tremendo! que punhaladas na fé! que desastre para a seriedade do culto!

todos de chapéu na cabeça e cigarro no belfo, conversando em voz alta. Nenhuma devoção, nenhum respeito!

Uns voltam ás costas, outros jogam chalupas e todos passam adiante, sem uma genuflexão, sem uma reza, não havendo mesmo quem se benza, ou diga — amen!

Em certa altura chega uma pobre velha. E quando eu julgava vê-la cair de joelhos, não suplico favores á Mãe de Deus, apenas noto que ella se dirige ao sr. Favas, a propósito do senhor de aquelle embrulho, sem duvida para vêr se ainda almocava naquele dia.

E como ella, todos os mais que entram, olham as imagens, sorriem e passam commerciaes. — Quanto custa este jarro? Por quanto deixa o cobertor...? Veja se pôde fazer algum desconto neste jarro... E o sr. Favas, sempre de lado para lado, apenas diz, a todos: — São preços fixos. Se lhe serve... — amen!

Mas o peor não está ainda aqui. Reparar nisto agora: amanhã o sr. Favas ha de fazer o seu sortido. Imaginem pois o leiloeiro deitando a mão ao pescço do bispo e dizendo: Santo Agostinho, bispo e doutor da Igreja; dois tostões... Está... doze vinténs!... Ninguém dá mais? Doze vinténs!... Depois, voltando-se para o grande Baptista: O precursor de Christo, o maior santo da corte do céu; quatrocentos reis!... Cinco tostões!... — até que o levam num sacco ou numa mala, por menos do que se compra um alqueire de batatas ou a lingua de um porco!

Ent seguida, o mesmo leiloeiro ha de deitar a mão á pobre Virgem e ao seu menino, clamando, do alto, á multidão, livida de pavor: — A Imaculada! Conceição: sete vinténs e meio!

Horribe, sr. padre! Simplemente horrioso, sr. bispo! E o episcopado mesmo pagado. E o S. mestre... E o seminário mais além, onde os ordenandos não de saber do facto, perdendo assim muito da sua fé, no que respecta ao culto das imagens e á efficacia das mesmas.

Porque — reparem bem — aquillo que se está a fazer é a perda e a diminuição em hasta publicas. E lembrem-se eu das grandes festas, do culto fervoroso que se dispensa ás imagens dos santos e da Virgem, no meu tempo de seminario!

Nessa época, não havia por lá um unico santo — e mais não tinham a majestade nega a grandeza que esses teem — que não tivessem o seu altar, com o seu nicho e a sua mesa acesa, havendo em frente de todos eles, alumiando-os, ricas alampadas suspensas, que ardiam sempre, noite e dia, de verão e de inverno.

Comparai pois o destino glorioso desses bem-aventurados com a desdita destes martires. Uns glorificados e adorados, e cercados pelos padres e presenteados pelas damas, tendo em sua frente alampadas brilhantes e tapetes de tapetes e de tapetes, em altares de prata, com columnas de mármore precioso, e outros apodrecendo, entre estes, no olvido e na miséria mais flagrant, vendo apenas em sua frente quinquilharias varias; salis e calças já raladas, cheirando a vício e a heresia, e potes de usos os mais diversos; malas e alfarrabios, torneiras e panelas, espelhos e candelabros, e chales e chales, chapéus e sobretudos, coisas de pobres e de ricos, objectos de adorno e de conforto, brinquedos e utensílios.

Filam policias de operarios

Crianças rotas, sem abrigo... Enxerga o pobre e a roupa é leve... Quanto tem, meu, mesa sem trigo... Quem é que bate ao meu portão? — A neve!

A usura rouba a luz e o ar E o negro não que a gente come... Inferno vil... Farrow o teard... Quem vem sentar no meu lar? — A fome!

Lume apagado e o bergeo em pranto No terra, um alim, Senkrali... A mãe sem leite... o pai a um canto... Quem vem sentar no meu lar? — A dor!

Alcool! Ve eno que conforia, Monstro satânico e sublimi... Beber! Beber... e a magoa é morta... Quem é que escuta o nosso porta? — O crime!

Dore anos já, e seminus! A mãe, que dize! O pai no officio... Corpo em bolso d'aurora e lua... Quem conta além daquela rua? — O vício!

A fome e o frio, a dor e a usura, O vicio e o crime... ignobil sorte! Beber! Beber! Oh, mãe dura! Deus! quem conta o Desventura? — A morte!

Guerra Janguero.

silos, trastes, enfim, para todo o mister.

Além disso, em frente das imagens, uma série de leituras de todos os tamanhos e maticados. E a Rupi, uma das Anjos, que, de todos os pés as multitudes rendidas, cantando ladainhas com os padres, entre infinitas luzes e espirais de incenso, apenas tem, para fixar os olhos, esses leitões mundanos, onde dormiram já muitas mulheres formosas e se mostraram muitos corpos, que em seguida se entregaram a homens libertinos, que neles se reboalharam, em delírios de carne e repetidas luxúrias, em longas e repetidas saturnais!

Quanto a quantos desses leitões, donde a Mãe do Senhor não tira nunca os olhos pudicos, viram gente corpórea de virgens, soluçando ternuras ou derramando lágrimas? Quanta miséria humana? quantas fragrances da carne? quantos sonhos do espírito?

Ah! nem eu quero pensar nisso. Penso apenas na situação da Imaculada, esquecida de todos, dos pais e dos filhos, da Mãe e do Filho, do Senhor, que assim a deixam apodrecer e escarnecer, naquelle momento de coitas torvas, e de lés e de moscas, e de aranhas e de pó.

Que ela — diga-se de passagem — também tem seu bocado de culpa.

Pois porque não fez ela como em tempos antigos, quando saía dos templos, muitas vezes até pelo telhado, quando não era pela fachada, para andar a pé, e não se deixava levar, em tocos de castanheiras?

No meu conceito fez ela isso várias vezes.

E noutros países? e outras coisas ainda mais prodigiosas, que eu omito apenas para não machucar mais o leitor paciente?

Por isso eu, a vista destes factos tão estranhos, é natural que pergunto: Porque não fez ela ao sr. Favas e vai aninhar-se ali na Sé? São dois passos apenas. Não pôde fugir pelo telhado? Mas não é preciso? A porta está aberta a toda a hora e, para quem tem o dom da invisibilidade, nada mais fácil neste mundo.

Depois, havia nisso uma dupla vantagem — para ela e para a cristandade: mudava de situação e furtava um calote ao sr. Favas, e era ter comprado, a ela que é soberana dos homens e do mundo.

Porque o não fez desde logo? Porque o não faz ainda?

Responda a isto o sr. reitor do seminário, que é muito entendido em teologia, porque não são sabemos responder sem contestar e beliscar nos divinos poderes da Imaculada.

Para hora da Igreja e manutenção do culto público, fico esperando a resposta do grande teólogo e não menos abalizado, doutor de teologia, mesmo dia eu encontrei, em frente da dita casa de penhores, com um dedo no queixo e um guarda-sol na mão, na attitude de quem rumina um alto problema, eu defini um

Tomás da Fonseca.

O celibato dos padres

Discussão entre Muley-Hafid e um eclesiástico

O ex-sultão de Marrocos, a quem vários jornalistas interrogaram, em Marselha, acerca das prescrições religiosas do Alcorão, respondeu-lhes:

— Mas é a jornalistas ou a padres que eu tolo? Apresentem-me um eclesiástico, e eu discutirei a questão com ele.

O desejo de Hafid foi satisfeito em Vichy, onde ele discutia, durante uma hora, com um jovem sacerdote, a respeito de catolicismo e de protestantismo. A conversa, que se efectuou no salão da quinta, reuniu em torno do ex-sultão bato o seu seguinte, que se interessou vivamente pela discussão.

Contra o que mais se insurgia Muley-Hafid era contra o voto de castidade pronunciado pelos padres, voto que, no seu entender, era inobservável, por ser contra a natureza.

Argumentava:

— Eu que sagradas escrituras aparece imposta essa obrigação? Foi o seu profeta que a prescreveu? Não. Os senhores não são, portanto, forçados a observá-la. Para nós só é lei o que está escrito no Alcorão, ao qual ninguém ousaria acrescentar uma palavra. O mesmo deve dar-se com os senhores, porque ninguém tem o direito de modificar a palavra de Deus. De resto, os padres da Síria, da China e de todo o Oriente são casados. O padre, como qualquer outro homem, tem o dever de se conformar com o primeiro dever natural da humanidade, que é o de procriar. O próprio Deus dos senhores o disse. O padre que pretende conservar-se casto falta ao seu principal dever.

Como Hafid se admirasse de que fosse possível a um homem tomar e manter tal compromisso, e o eclesiástico lhe respondeu que para isso bastava a força de vontade, o ex-sultão observou-lhe com energia:

— Não há vontade, por mais forte que seja, que se possa considerar superior à natureza.

Muley-Hafid, que é forte em teologia, e ao mesmo tempo em verdade o eclesiástico do religio mulumana, discutia prolongadamente sobre protestantismo e catolicismo, achando o rito luterano muito mais lógico do que o católico. E queria continuar a discussão, do que o impediu o diabo do protocolo, representado pelo sr. Oudallu, que amavelmente advertiu de que eram horas de ir ver o tiro aos pombo, divertimento que lhe pareceu mais barbaresco do que atirar homens às feras...

O conto da semana

A ESMOLA

No primeiro andar, onde se sobe por uma escada obscura e fétida, é apenas um quarto para a mãe e para os quatro pequenos: para entrar, tem a gente de se baixar, pois lá roupa dependurada em todos os sentidos. A mãe é distribuidora de pó, e também servicial aos dias, ainda engomadeira. Que remedio tem uma mulher sendo meter-se, quando tem quatro filhos e o pai deles a deixou p'ali, um dia, para correr atrás de alguma desvergonhada!

Ora neste momento está deante a mãe velha, gravemente, muito palida, e tam magra, a pobre penitenta, na grande cama de madeira que ocupa metade do alojamento!

— É uma desgraça, minha boa senhora!

Ah! sim, é uma desgraça e desgraça que não se vai; sempre a doença: quando não é um; e outro; sangue viciado, sangue de alcoolico, sangue de pobre, que não se tem tempo nem meios de fortalecer...

Tomei nas mãos a mão ardente e humida da doentinha; nas largas pupilas abertas sobre mim, vagamente, leio muitas misérias passadas e futuras; sobre o pobre rosto, onde são grandes demais os olhos, e sobre todos os ossos desse esqueleto de criança, ressaltam sob o lençol como sob uma mortalha, como todas as lagrimas, e todas as revoltas, e todos os odios dum ser rotado ao infortúnio, e que contanto não pedira a vida!

— Ah! que desejo de morte bem-vinda!

Turvam-se os olhos e os olhares; e a mãe, que espreguiçava ansiosamente a minhã impressa, arrastava-se para um canto, do outro lado da roupa estendida...

Não a acha bem, pois não?... O doutor vem cá duas vezes por dia... Fit bem em quero-la em casa, não acha? Lembra-se de como ela sempre teve tanto medo do hospital?... Minha pobre Mariquinhas!

É uma desgraça continua, meu Deus!... Justamente quando eu me levantara das minhas dores, começou ela: não salmos disto, minha senhora!

Faço algumas perguntas: modo de mostrar o meu interesse. As palavras ficam-me estrangalhadas na garganta, sufoca-me a vergonha... sim, com efeito, a vergonha de mim, do meu bem-estar, da simpatia banal que trago a este sofrimento e que vai evaporar-se daqui a pouco, no ar fresco; sinto-me responsável, agora... Pesa-me o meu superfluo, o meu superfluo que sugo gota a gota, para se nutrir, toda a alegria dos pobres...

Não me julguei em boa ao vir aqui, com a esmola de um pouco de tempo, de um pouco de dinheiro, de um pouco de coração?... Não me julguei boa, quando não fazia mais do que pagar mal uma dívida imensa?

Quando formulo, desajeitadamente, algumas frases de esperança, ouço por cima da cabeça três pancadas distintas:

— Que é aquilo?

— É a vizinha de cima, uma pobre velha que está há muito tempo doente e sozinha... Quando precisa de alguma coisa, bate no soalho. Desculpe, minha senhora, deixei-a por um instante; não posso deixar as crianças; são muito pequenas, bem vê. Se quer ficar ao pé da minha doentinha até eu voltar, terei mais sossegada.

Sublin, a mãe mulher...

E quando voltou, garantiu-lhe que sentiu vontade de lhe estender a mão e de mendigar:

— Esmola, mulher, uma esmola!... Somos nós os verdadeiros pobres, os pobres de coração... Dê-nos da sua riqueza, ensine-nos a bondade, a fraternidade, a bela e grande solidariedade de que nós falamos, sim, mas que só roci praticamos, com toda a simplicidade do coração, sem lhe dizer o nome...

Andréa Demolitions.

KROPOTKINE

Anuncia-se a vinda de Kropotkine a Lisboa. Deveria ser o facto que a alguns dias se esperava, e que teve ocasião de assinalar que Kropotkine, é, porventura, neste momento, o maior homem vivo, de que o mundo tem direito de se orgulhar.

A conjunção do talento e do carácter, e, em nossas eras, a justificação dos máximos prestigios. Foi por isso que Victor Hugo foi o maior homem do seu século. Foi por isso que Tolstói, morto o autor dos *Miseráveis*, lhe sucedeu nessa supremacia espiritual, que nenhum poder decretar, nem nenhuma Academia, nenhum Congresso pode outorgar. Hoje Kropotkine possui-a. É o Pontífice da alma moderna, que não habita num palácio, não se reveste de aparências imperiais, antes, pelo contrario, numa modesta habitação de Londres, proscripção, pobre, repellido por uma sociedade conservadora que teme o seu verbo e só o procura ferir com o seu odio, por não ter razões para o refutar, antes, na fim da vida, um calvario do gloriosos sofrimentos que representa a sanção historica da sua doutrina.

É esta situação humilde e dura que o coloca acima dos outros homens, quasi tanto como o fulgor do seu genio e a beleza da sua bondade...

Que diz Kropotkine? Que prega Kropotkine? Que fez Kropotkine? Uma palavra: o amor. No seu enternecido coração slavo, há reservas de amor imenso. A sciencia, árdua em tantos dos seus aspectos, não edifica o sentimento poderoso que o anima. É ler as suas *Palavras dum revolucionário*. São conselhos, estimulos do filosofo, — mas com que virgem eloquencia expressos! Ele dirige-se aos homens procurando fazer vibrar no seu coração as fibras da piedade e da caridade.

Confere-lhe a razão o poder de convencer; mas é no seu proprio coração que busca o poder de persuadir. Teorizando a Primacia de apostolo, conhece a força que no sentimento se origina. É um sábio? Sem duvida, mas é também um poeta, pois esta designação pode conter de mais doze, de mais humano, de mais ideal. A grandeza da sua personalidade vem desta união de alma que se comove e canta, com o cérebro que reflecte e cria.

Foi assim que ele conseguiu ser o homem que, em nossos tempos, soube dizer a ultima palavra sobre a redenção humana. Pertence-lhe essa palavra gloriosa. Do conflito de tantas doutrinas, da aparente contradição das filosofias, do embate de tantos pensamentos liquidando a morte de tanta paixão, ele soube tirar a formula precisa, a expressão clara e definitiva da verdade.

Há no mundo mais duzia de verdades primicias. A ultima, e a mais perfeita, definiu-a ele.

Assim como o século XVIII foi o século do Problema Social, como o século XVIII foi o século da Revolução Política, assim como o século XVIII não liquidou o seu problema, assim também o século XIX não liquidou o seu. Mas ambos o resolveram, apresentando-lhe a solução. O trabalho da Humanidade e agora relativamente facil. Trata-se apenas, para o braço invencível dos povos, duma demolição apontada.

Assim como a evolução da Ideia, no dominio politico, se coroou com as concretizações da Enciclopedia, assim a evolução da Ideia, no dominio economico, se coroou com os livros de Kropotkine. Ele teve os seus precursores, como os enciclopedistas os tiveram no século transaccão alvorecer com as indistintas aspirações de Babeuf; segue-se-lhe a pleiade dos utopistas puros, filosofos, como Fourier; revolucionarios, como Blanqui; doutrinaristas, como Lassalle, até que Kropotkine, finalmente, ressaltando a negação do Estado no futuro. Com Karl Marx irrompeu o socialismo científico. A sua formula: «a cada um segundo o seu trabalho e a cada um segundo as suas necessidades» é um grande passo dado no dominio da justiça social. Mas não é inteiramente justa, e a sua falta, parte precisamente a Kropotkine a fruição de uma verdade perfeita. Kropotkine reconhece que antes do fenomeno da produção se manifestou o da necessidade, que a terra produz tudo quanto é necessário a satisfação integral de todo o genero humano, e se não se demonstra o erro do principio collecti-

vista, que, embora abolição do privilegio das castas, o predomínio das classes, todavia protege exclusivamente os aptos e os fortes. «A cada um segundo as suas necessidades!» É o reconhecimento pleno do direito à vida; é a depositação de todas as dignidades perante esse principio de absoluto amor e imortal justiça; é o segredo de uma humanidade feliz, em que todos os seres devem descer na extinção de todas as misérias, na harmonia, entrevista de uma serenidade perfeita, que é a unica ordem e a suprema paz...

Este homem — é este filosofo, este sábio, este apostolo, este evangelista — que vem, segundo se anuncia a Portugal, onde se demorará algum tempo, descansem os que, por um imperfeito conhecimento da sua doutrina e da sua acção, o possam visioar como um trágico, desdourado de vidas e fazendas. Kropotkine é uma voz clamorosa de principios. Tem-se praticado atentados em nome desses principios, uns embaraçosos, outros absolutamente demorados.

Não se podem responsabilizar os doutorados por excessos, loucuras ou mecos monstruosos crimes praticados por individuos que das suas doutrinas se reclamam. Se assim fôr, as sociedades mais religiosas de todos os tempos teriam queimado em nome desses principios, uns embaraçosos, outros absolutamente demorados.

Assim o consideramos todos, porque o que teremos na nossa presença será uma particula radiante que se define e sublima o proprio genio da humanidade, a que ele e nós pertencemos.

Meyer Gargão.

Lisboa, 27 — 12 — 1912.

A "Lanterna" diaria

Caro Edgard

Saúde.

A tua ideia expandida muitas vezes entre os camaradas mais intimos, tua aspiração, de longa data, hoje concretizada numa iniciativa que deixa por completo de ser problemática para tornar-se realisavel.

Estas a trabalhar, e o tempo está estagnado, dado o incremento da tua ideia, mais acentuado do das oppresses da horda de parasitas contra o povo trabalhador e especialmente contra todos que pensam com independência.

Muito propoitalmente e contra a minha vontade deixei para hoje a resposta do questionario por ti feito na *Lanterna* de n. 172. E tu, mais que ninguém, sabes o motivo. Hoje, porém, que em torno dessa iniciativa grandiosa começam a chegar os primeiros aplausos e o apoio facto a determinarem-se a quantidade das acções correspondentes às posses de cada um, venho, não direi esclarecer coisa alguma, no entanto, demonstrar se tal é possível, o valor extraordinario, inconfundível da *Lanterna* transformada em diario.

Não podes, como és, onde a imprensa burguesa é por excellencia vernal, onde a oppressão se vai cada vez mais fortemente fazendo sentir, onde este cancro imundo — o clero, tem guardada e manda com extraordinario assombro, impondo tudo quanto lhe convém, num pal, repito ainda, onde a imprensa burguesa, a que existe, não concede o menor agasalho a nossa mais insignificante reclamação e é defensora sistemática daquelles que exploram o povo, a *Lanterna* diaria deve ser a aspiração de todo homem livre que não queira conformar-se com o actual estado de coisas, cada vez mais asfixiante.

Ela será como o é hoje, e com maior proveito, a intrepida defensora das classes produtoras, estigmatizando todos aquelles que cometerem arbitrariedades, como acontece diariamente, e que, diante de tais absurdos, temos ficado sem uma defesa, sem um protesto à altura da iniquidade.

Entendo eu que todo o homem livre deve e tem por obrigação concorrer com o seu auxilio para tão util iniciativa.

Quanto a tentados a liberdade de pensamento, quantos criticas tem sido praticados pela trindade infame que atrofia todos as energias, e no entanto ficam no silencio, abafadas por

completo, porque não existe na imprensa diaria, a que melhores informes poderia fornecer, um unico jornal que, com critério, trate de assuntos que não estejam nos moldes das suas desmedidas ambições.

E assim a razão é sufocada, o direito não existe se não para os grandes, e nós ficamos impotentes ante as forças burguesas que se congregam, se aliam, com a maior facilidade e brevidade quando se trata de levantar trincheiras e ondas dos revoltados no caminho das reivindicações sociais.

A *Lanterna* semanal não preenche essa lacuna formativa que só poderá ser preenchida com a sua transformação em jornal diario.

Com a circulação que tem, enorme, extraordinaria, terá um importante papel a representar, terá muito a fazer, terá emhi uma missão elevadissima, muito especialmente pelo facto de reunir os colaboradores mais em evidencia no campo da sociologia e ainda por ser compilada por aquelles que sentem e pensam, e a fôrça diaria com o intuito de concentrar suas energias para a defesa dos oprimidos.

Só assim teremos quem se ponha no campo, de escalpelos em punho, pugnando pela razão e solapando os infames que a pretendem ainda esmagar.

Ainda há pouco, a quando das infames depredações dos nossos camaradas de Santos, o que não faria a *Lanterna* se fosse diaria! Agora com a lei de expulsão, este monstro atirado contra o operario, contra todos que sem peias contribuem para a derrocada completa do regimen de oppresses actual, o que ainda não faria a *Lanterna* se já fosse diaria!

Se muito faz semanalmente, avulso, como o que poderia fazer diaria...

Em suma: a *Lanterna* diaria será o salva-vidas dos que lutam, dos que reclamam, dos que tentam contra a tirandade corrupta que tem trazido escravidão a humanidade.

Rio, 19 — 1 — 913.

Cecilio Villar.

A redacção da *Lanterna*.

A publicação diaria da *Lanterna* deve ser o desejo de todos que combatem o clero mau e perverso. É preciso não dar ouvidos a esse monstro que explora a ignorancia e tem por alheira o embuste, as tricas e a mentira. A Joven Republica portuguesa não tem encontrado na sua obra grandiosa de saneamento inimigo mais traiçoeiro e covarde. Todas as calamidades que pesam sobre o povo português, depois da jornada de 5 de outubro de 1910, são obra desse clero bardo, que abusando da ingenuidade de uns e da ignorancia de outros, os tem arrastado a praça publica em attitude agressiva. A tolerancia da Republica os padres responderam com a traição, forjando os mais alarmantes telegramas e desacreditando a patria e a familia...

Estou preparando as malas para uma viagem à Europa, mas aqui ou lá, não nego meu auxilio à publicação diaria da *Lanterna*.

Rio, 21 de janeiro de 913.

Fonseca Moreira.

Um bravo à iniciativa da publicação diaria da *Lanterna*. Prometemos muito trabalhar para a sua maior propagação, aumentando o numero de assinantes, como também procurando obter um auxilio dos Conselhos Ganganels deste Estado, para que jamais possa paralisar tão cheaz actividade.

Rio Grande do Sul

Conselho Ganganelli.

Caros camaradas da *Lanterna*.

Foi com grande jubilo que li no numero 171 do nosso destemido baluarte que se deseja a sua publicação cotidiana.

Pela leitura da grã noticia vejo que se deseja saber a opinião dos amigos do jornal. E com o intuito de dizer o que penso sobre isso, que escrevo esta.

Entendo que é uma aspiração justa, nobre e digna assim como dignos serão todo o homem livre, todos os elementos avan-

çados que cooperarem em prol desse valioso tentamen. Da minha parte estou pronto a prestar o modesto auxilio de que um proletario pôde dispor...

A *Lanterna*, que desde 16 de outubro de 1909 vem sustentando uma incessante batalha contra a cãfila negra de parasitas sociais que, pouco a pouco, vem dominando o Brazil, merece inegavelmente o nosso apoio, o apoio dos livres pensadores, dos homens emancipados desta terra.

Todos sabemos que um diario livre encontra obstáculos, dificuldades mil para a sua manutengão, experimentando na sua rota toda a sorte de vilanias: processos, ameaças, calunias etc., mas sabemos também que um diario desenvolve maior propaganda. A *Lanterna* poderá preencher sensíveis lacunas que todos sentimos na propaganda dos modernos ideais, proporcionando-nos uma secção de literatura e outros tantos meios de educar o povo.

Insisto, pois, em dizer que todos os admiradores da *Lanterna*, sem distincção alguma, devem oferecer-lhe o seu apoio, para vermos o mais depressa possível um cotidiano independente, liberal e de boa leitura, o unico no genero a publicar-se no Brasil.

Os companheiros da *Lanterna* queiram receber um cordial abraço de solidariedade pela feliz iniciativa.

Santos, janeiro de 1913.

José A. Lodi.

SEERNA DOMINICAL

O homem nascido na ignorancia, acaso poderá elevar-se aos pináculos da boa cultura? Sim. Assim como vós outros, propagadores do evangelho do Cristo, conseguis viver explorando a creença ignobil que conseguis turbar o germen da intelligencia dos vossos crentes, vindo fartamente, enquanto que lhes predicais os mais torpes conhecimentos que embruteçam a razão humana.

Assim quando vós, convitos, perguntais: Por ventura o homem morrendo viverá? Sim, vos repouso eu; não para a eternidade, não para gloria desse dons cuja existencia a vossa razão não accusa, não para o sofrimento eterno cuja existencia publicamente affirmas por mero interesse material (a prova é que vós da igreja), mas de que intimamente duvidais. Não, não é e não será assim que o homem, morrendo, viverá, mas viverá como parte infinitesima do cosmos na composição plasticas da natureza. A vida volta, segundo as leis imutaveis que regem os mundos no eterno transformar da materia.

Acreditais ou fingis acreditar num mil negando a vossa propria natureza, (estou convencido que só o interesse material vos move); ignorais ou fingis ignorar a historia das religiões, de cujo tronco ardecedes nos vus esse alijão, essa contra-produção, cujos frutos amargos muito tem feito sofrer a humanidade; deveis ter em vista Miguel de Servet e tantos outros que ousaram pensar, pensar fora do circulo de Roma, mas são vossas vistas.

Ide procurar a genealogia do vosso Cristo, o Deus carneiro na palavra o agnoscimento nos factos, e encontrareis a sua paternidade em Buda e tantos outros, que foram de utilidade aos brahmanes e respectivos usufrutuários, assim como esse barbaresco e rancoreso Joarê tem sido util a toda a casta de exploradores, honras e satrapas.

É certo que o meio que vos serve de pasto presta-se admiravelmente às vossas aspirações.

Só procurais trabalhar entre os soldados e os operarios inconscientes, e por isso elevais a patria e obris de sorrisos amarelos e palavras doces aqueles que se vos entregam sem tugar nem mugir.

S. Paulo, 1912.

Augusto da Fonseca.

Aos nossos assinantes

Avismos aos assinantes de Santos e da Linha Bragantina que por toda a semana que vem serão visitados por um nosso companheiro, que vai elevar a cobrança.

Esperamos que todos se esforcem para se pôrem em dia com jornal.

Contra a lei-arrocho

Continuam os protestos dos trabalhadores emancipados

Sr. Edgard Leuenroth
Incanseável companheiro:
Utilizando-nos das francas colunas de vosso energico e digno jornal *A Lanterna*, mandamos a publicidade o seguinte protesto, de um grupo de livres-pensadores desta terra:

Considerando que a justiça não deve continuar privilegiada ou inversa no presente século, e que scientificamente o bem-estar é para todos e não para alguns;

considerando que o trabalhador mais esclarecido de hoje, sem distinção de nacionalidade, é o unico possuidor de experiencias proprias — oriundas das fatalidades a que suas circunstancias o têm arrastado, e que é, portanto, de ampla competencia para emancipar a humanidade oprimida;

considerando que o interesse individual da actualidade, em sua minoria, ainda é precioso em persuadir a humanidade livre de que é colectivo, e considerando que a intelligencia e cultivo, sem consciencia — são inuteis:

Vimos conscienciosamente protestar contra essa lei sclerada de expulsão, aprovada em dezembro p. p. pela maioria de legisladores da Camara Federal, e contra as brutalidades praticadas pela violencia organizada de Santos para com os camaradas dedicados ao trabalho.

Passo Fundo, 2 de janeiro de 1913.

Marciano Gonçalves da Silva, João de Cesar, Maximino Alves do Moraes, Divid Pinto, Florencio Della Mía, Maximiano Alves Filho, Melano Michele, Pascoal Sacco, Otto Henrique Mallmann, Adolfo Gomes, Marciano Gonçalves da Silva, João Caetano de Oliveira, Victorio Reinel, Jacob Hermann, Candido Possidonio da Rosa, Vicente Paraz, Lido Ricci, José Pavesan, Silvestre Bucco, Baptista Petroné, Milio Canelli Gaspari, Frederico Baricari, Antonio Roma, Fioravanti Salvani, Manuel Fazzinelli, Vicente Maimon, Clarimundo Pereira dos Santos, Antonio Racti, Andreolino Marinho Silva, Busbo Luigi, Pedro Gomes da Silva, F. M. Hernesto Barbisan, João Fernandes Gomes da Silva, Narciso Gomes da Silva, João Brandis de Almeida, Francisco Waiman Sobrinho, Camilo Garullo, Guilherme Schilling, Emilio Cesaro, Marco Canlin, Domingos Carzu, João Battista de Oliveira, Vicente Della Mía, José Reinnelli, Pedro Gabriel, Lodovico Della Mía, João Sarturi, Paulo Bonatti, Reinaldo Gabriel, Miguel José Zilli, José M. Solano.

A guerra europea

O que ela custaria

Se na Europa estalasse um conflito armado, se a triplice alliança (Italia, Austria e Alemanha) declarasse guerra à triplice entente (França, Russia e Inglaterra) por causa dum porto que a Servia deseja possuir no mar Adriatico, seriam armados para cima de 20 milhões de soldados, cuja metade iria para o campo da batalha.

Essa mobilização, segundo os dados officiaes (exercito e marinha) seria:

Alemanha . . .	3.600.000 homens
Austria . . .	2.600.000
Italia . . .	2.800.000
Russia . . .	7.000.000
França . . .	3.400.000
Inglaterra . . .	1.300.000

Total . . . 20.900.000

As despesas diarias com esses soldados eram:

Alimentação: supondo, que não houvesse aumento de preço, 39 mil contos.

Penso para cavalos e muare, 3.600 contos.

Soldos e preta, 12.600 contos.

Ordenados aos operarios dos arsenais, dos portos, etc. 3 mil contos.

Gastos com a mobilização, 12 mil contos.

Transporte do sustento e munições, 12 mil contos.

Munições: para a infantaria 10 cartuchos por homem e por dia, 12.800 contos. Para a artilharia 10 tiros por canhão e por dia, 4.200 contos. Para a marinha 2 tiros por peça e por dia, 1.800 contos.

Fardamentos, equipamentos, . . . 13.200 contos.

Gastos com as ambulancias para 500 mil feridos e enfermos, 1.800 contos.

Carvão para os couraçados — marcha, 6 horas por dia — 1.800 contos.

Baixa dos fundos publicos motivada pela guerra, 30.000 contos.

Socorros aos indigentes, 600 réis por dia a decima parte da população, 20 mil contos.

Indemnizações, destruições de cidades, villas e obras d'arte, 6.000 contos.

Total 173.300 contos de réis por dia.

Estas cifras devem ser aumentadas, porque no momento em que o conflito estalasse tudo subiria de preço. Os generos de primeira necessidade aumentariam muito de valor e os empréstimos necessarios electuar-se-iam em condições desastrosas.

Mas tambem devemos ter em conta a destruição do material de guerra.

Se supusermos que a terça parte do material ficasse destruido em um mez a estavam uns 3 mil contos perdidos todos os dias.

Os setenta couraçados ingleses, por exemplo, representam aproximadamente 2 milhões de contos. Se a terça parte desta esquadra fosse para o fundo do mar no soffrese graves avarias no periodo indicado, ali teriamos uma perda de 650 mil contos, 21 mil contos por dia.

As despesas com a guerra europea podem, pois, orçarse em 190 a 200 mil contos diários.

E se a guerra se declarasse pelo motivo indicado, no fim de quinze dias, haveria pelo menos 500 mil feridos e 100 mil mortos.

Todas as fabricas teriam de fechar; os campos ficariam desertos; o comercio paralisado; os bancos quebrariam; e nos Estados declarados a bancarrota.

A fome e as epidemias assolariam as cidades de Paris, Berlim, Vienna, Moscou, Milão, Roma e Londres, pois todos os meios de transporte de genero e passageiros cessariam, sendo, portanto, impossivel prover a subsistencia de milhões de familias. Não restariam mais do que mulheres, crianças e velhos, tanto nas cidades como nas villas e aldeias.

Meio século seria preciso para reparar as ruínas e apagar os odios. Vinde filhos de familias ficaram envolvidos na miséria na dor e no pranto mais cruaescentes.

Charles Richet.

O QUE VAI PELO MUNDO

Resenha internacional do movimento anticlerical, livre-pensador e social

Portugal

OS BISPOS — Os mitrados portugueses foram na sua campanha, franca ou encoberta, contra a lei de separação. Assim o arcebispo de Évora enviou ao clero penosista da sua diocese uma circular intendo a circular a renunciar a pensão ou pelo menos a declarar e cumprir estricte obediencia aos preceitos. Com a circular ia um questionario, prometendo o arcebispo não dar publicidade ás respostas. Eis o questionário:

1.º — Reccebendo a pensão que lhe foi concedida pelo Estado nos termos da lei denominada «a lei de separação», de 20 de abril de 1911, teve e tem a intenção de reconhecer e aprovar em todas as suas disposições a referida lei?

2.º — Ou antes, como sacerdote catolico, reprova e condena, em consciencia, o arcebispo e os bispos e os governos que sejem contrários aos direitos de Santa Igreja Católica, acatando, aliás, como cidadão portuguez, o regime politico e os poderes constituídos da nação?

3.º — Está disposto a renunciar a pensão, se não puder conserva-la, sem ter de praticar qualquer acto que implique transgressão das leis de Deus e da Igreja?

4.º — No caso de ter necessidade de se ausentar da freguesia a seu cargo, pedir licença somente a seu legítimo prelado ordinario; ou, pelo menos, não a solicitar do governo sem previa autorização do mesmo prelado?

Espanha

MAURA E LA CIERVA — Os jornais europeus occupam-se da retirada da politica destes dois assassinos de Ferrer, pelo facto de não haver o rei consultado o primeiro sobre a crise ministerial e chamado ao poder os conservadores. A opinião geral, naturalmente, é que isto é mais uma consequencia do crime praticado contra Ferrer e os seus colaboradores de Montjuich: Maura e La Cierva inutilizaram-se «para governar» ás claras. O seu regresso ao poder levantaria colera e protestos não só na Espanha, mas em todo o mundo.

Alguns jornais vêm em tudo aquilo uma manobra da monarchia para se salvar. A retirada de Maura e La

UM BEATO

Dedicado a inintermitente redacção de «A LANTERNA».

Ei-lo, passando rai... Imvão de confraria, é perfeito exemplar da grei de Torquemada, da qual o padre nega (oh, deuses, quem diria?) a seiva da razão depois de amordaçada!

Tem sempre na feição cretina e degradada a côr de vela acesa em leito de agonia; é feio, astuto e mau, pois bem se vê que a cada momento — de veres — nos olha e... desconfia.

Todo ele sintetiza a fera em corpo humano, a loguerra espanhola, a hentira da cruz e a velha malverde, onde sempre reu,

de assassino um punhal! Tem arcos de um arco de trêva, mas — curvado ao brilho de uma estola — engole um Deus por dia o... filho de Loyola!

PRACICABA, AGOSTO DE 1912.

Dr. Ozorio de Souza.

Cierva dava prestigio liberal ao rei e habitava ao mesmo tempo o partido conservador a votar em melhor occasião ao poder, sem aqueles chefes comprometedores, ou pelo menos não sua chefia publica e manifesta.

França

ESTATISTICA SINDICAL — O *Bulletin de l'Office du Travail* publicou os resultados do movimento sindical francez em 1911.

No primeiro de janeiro de 1912 havia 5.217 sindicatos operarios, com 1.064.413 socios (os sindicatos menos e 35.174 associados mais do que em 1910). Estes sindicatos editavam 154 publicações diversas e tinham 1.137 agencias de collocação.

A proporção dos operarios associados era notavel nas industrias mineiras (32 %); nos transportes, manutencões e commercio (30 %); na construção civil (27 %) e nos productos quimicos (23 %). Era muito pequena na agricultura (2 %), nos orçados (2 %) e na industria do vestuario (5 %).

Italia

A AMNISTIA — Gliottini concedeu a amnistia aos condemnados, vindo por isso para a sua Maria Ryglar, nobre e corajosa propagandista do anarquismo, que, pertencendo a familia rica e bem collocada, abandonou os privilegios para se votar de corpo e alma a causa da emancipação social. Mantida na prisão apesar do seu precioso estado de saúde, era causa de inumeros protestos dentro e fora da Italia, intensificando-se cada vez mais a agitação. A amnistia livrou o governo desse incommodo.

Mas não satisfez os revolucionarios, que a acham mequinhica. Assim, o orgão da Uniao Sindical *l'Internationale*, de que é redactor principal o nosso amigo Alceste De Conti, que forma para o quartal, anunciou que a agitação continuaria para reclamar: amnistia para os delictos militares e de difamação (pretexto para perseguir politica); supressão dos artigos 131, 246, 247, 248 e 252 do codigo penal; abrogação da lei excepcional Crispi; modificação dos arts. 193 e 304 do codigo penal; regime especial para os presos politicos.

Austria

A MOBILIZAÇÃO — A data das ultimas noticias, já eram terribes os danos causados só pela mobilização do exercito. Imagine-se então uma guerra!

Foi suspenso o commercio de exportação, por estar o material ferroviario occupado pelo transporte de tropas; nas fronteiras orientaes cessou quasi de todo a importação; inumeras officinas tiveram de fechar, indo para a rua os operarios (sem contra que forma para o quartal); elevou-se o custo da vida, por falta das carnes e productos agricolas; faltos e bulgares a situação critica para os bancos e caixas economicas; falta de credito; falencias sem conta. As perturbacoes, diz um jornal financeiro, «excedem tudo o que se pode escrever»; a mobilização... abalou para muito tempo a prosperidade do país.

E foi só a mobilização!

Turquia

OS MALES DA GUERRA — Assim sobretudo: a colera, a febre tifóide, a desocupação... e os impostos. Os operarios de Constantinopla, em dolorosas cartas ás associações sindicais dos outros países, queixam-se amargamente da terrivel situação criada pelos infames causadores da guerra. A desocupação é enorme; os impostos, sob pretexto de «defesa patria», são exigidos com violencia, succedendo-se as penhoras; a emigração aumentou consideravelmente. Um horror!

Em todo o Oriente, redobrou a fúria repressiva das autoridades. Todos os gestos, protestos e queixas dos operarios são suspeitos, vigiados e reprimidos. Apesar de tudo, estalou uma corajosa greve de manipuladores de tabaco em Constantinopla. Até no Egito, no Cairo, se repercutiu a repressão. O operario turco Nicos Duzmaz, activo propagandista socialista revolucionario, foi preso e expulso, apesar de residir do Cairo havia onze annos. Cá e lá...

Grecia

CONTRA A GUERRA — Embora pouco numeroso, o partido socialista-republicano protesta altamente contra a

guerra, considerando-a, não libertadora, mas contraria aos interesses da classe operaria e da civilização, «da qual os Estados balcanicos usam tão pouco decaradamente dizer se autores». A Grecia não faz senão «destravar as cidades e aldeias agricolas do Epiro e da Macedonia». O protesto termina afirmando que na Grecia existe felizmente o indispensavel para um movimento operario e que ha lá um bom nucleo de trabalhadores instruidos.

China

DIARIO SOCIALISTA — O congresso associativo de Nanquim (3 mil congressistas) fixou a organização do partido e deu melhor redacção ao seu programa. A assembleia resolveu a fundação dum orgão diario do partido, o *Republicano Chinez*, designando como redactor em chefe o secretario particular de Sun Yat Sen, Liang. Tratou-se de um socialismo muito pallido, mais moderado ainda do que o dos politicos social-democraticos do occidente.

Estados Unidos

LIBERDADE — Foi preso em Kansas City um socialista porque, num pique-nique localista, trazia ao peito um prancheta com estas palavras: «Deus é a alma só mitos». Os cristãos costumam ali fazer propaganda das suas ideias daquelle modo e nunca são incomodados. E assim que os politicos norte-americanos (e alguns outros) entendem a liberdade.

Madagáscar

OS MISSIONARIOS — Os oppositos dos cristãos azerem um animo despoitismo e uma exploração sem freio, arrancando aos indigenas, incapazes de resistir, uns 7 milhões de francos por anno.

Entretanto em Tananarive organiza-se a resistencia, como o prova uma brochura documentada e elucidativa, da qual *Le Pensée*, de Bruxelas, dá um extracto interessante.

Liga Anticlerical

do Rio de Janeiro

A commissão administrativa da Liga comunica a todos os seus associados e amigos que está organizando a sua biblioteca, para a qual pede a remessa de livros e folhetos.

Quinta-feira, 6 de fevereiro, ás 8 horas da noite, assembleia geral ordinaria.

Ordem do dia: — eleição da nova directoria para o anno de 1913 — Commisso Administrativa e Commisso de Propaganda.

Leituras do balancete do mez de janeiro e da acta da ultima assembleia.

Os associados que não estiverem quites não poderão tomar parte nas deliberações.

Pela directoria, C. A. de Lacerda, 1.º secretario.

DIVERSÕES

Palace-Theatre — Inaugurou-se na quinta-feira esta confortavel casa de diversões, situada na Avenida Brigadeiro Luiz Antonio, com a Companhia Juvenil de Operetas, que levou a scena a apreciada opereta *Costa Surata*.

Todos os espectaculos alli realizados estiveram muito concorridos e os artistas foram applaudidos.

Durante os tres dias de Carnaval haverá neste teatro balles «masqués» e repintados.

Teatro Colombo — Estiveram muito concorridas as funções cinematograficas realizadas durante a semana neste apreciado theatro, tendo sido exhibidos excelentes filmes.

Hoje haverá espectáculo com escolhido programa, e amanhã, ás 2 horas da tarde, realizar-se-á mais uma boa matinee, na qual serão exhibidos os melhores filmes.

Durante os tres dias de carnaval, dominico, segunda e terça-feira, realizar-se-ão grandes balles carnavalescos.

VIDA OPERARIA

EM CRAVINHOS

Infame perseguição — O movimento operario tem tido ultimamente um animador desenvolvimento nesta cidade.

Os trabalhadores, depois de muito tempo de emagarrar apatia, decidiram-se a trabalhar tambem um pouco em favor da sua causa, organizando a Uniao Operaria, que já reúne um bom numero de associados.

Isto, é claro, não podia agradar aos exploradores do suor alheio, que não podem ver com bons olhos o despertar da consciencia das victimas da sua ganancia agambardadora.

E como agora, com a sua uniao, não será tão facil que os trabalhadores se deixem ludibriar, esses que outrora foram operarios, bachareis ou vendedores de bilhetes e que se esquecem de que já andaram com as calças remendadas, estão procurando, de um modo vergonhoso, prejudicar os companheiros mais activos no movimento.

Para perseguir esses operarios, que vivem e sustentam os seus filhos com o produto do seu penoso e mal remunerado trabalho, andam agora esses senhores que vivem do suor alheio, de ponta em ponta a pedir a toda a gente para não lhes dar serviço, organizando contra elles uma infame boicotagem.

Tenham cuidado, porém, esses que passaram para o lado dos escravocatas, e deixem em paz aqueles que ganham honestamente o seu pão.

Metam a sua viola no seco por que lhes poderá sair o tiro pela culatra...

Tomem nota do aviso... — A. M. A.

Menores explorados

— Não posso deixar de tornar publico o que se passa na officina mecanica da Briza Irmãos desta cidade, com respeito ao trabalho dos menores. Com uma deploravel falta de consciencia, dominados com certeza pela ganancia, os tais sr.s obrigam as crianças a trabalhar em perigosas maquinas que nem sequer elles conhecem, expondo-as aos perigos das engrenagens e das pilas.

A triste consequencia desse abuso inqualificavel é serem as pobres crianças sahiadas pelas engrenagens e serras circulares, como já tem acontecido.

Procedam mal os sr.s Briza, que, além do pouco caso pela vida dos menores, são tambem pouco corteses para com todos os que em sua officina trabalham.

Al fica o meu protesto. — H. N.

A "Lanterna" em Sete Lagoas

(MINAS)

Ha tempos publicou o Estado de S. Paulo, de sua sucursal em Roma, um telegrama dando conta da condenação, a 14 annos de prisão e do pagamento de 600 rials, imposta ao nosso (deles) vigário «sr. Teofilo Sansoni». Este caso os nossos leitores já tiveram occasião de ler, pois um novo valente companheiro, que aqui já residia, transcreveu o telegrama na *Lanterna*.

Pois bem. Os nossos leitores já sabem qual o «valiente» personagem de que se trata: nem mais nem menos do que do santo e casto padre Sansoni, vigário da bela patria do Dante e... do Consoli, muitissimo conhecido ministro de Deus e que, por ser casado e immoral, foi enforcado pelo corajoso povo de Carangola. Este hypocrita, apesar de abiaças assinadas de meiz duiza de crianças e alguns carolas (pobres de espirito como todos o sr.) desta cidade, fora, pelo bispo d. Silverio, enviado para a cidade de Carangola.

Estavamos decussados, mas eis que um belo dia appareceu novamente aqui o padre Sansoni.

O que teria acontecido? Fora ele expulso de lá e... a nossa cidade ainda o aconchegava como um «santo» ministro.

Pensavamos que já teria partido para a Italia. Seria verdade? Qual! Voltou. Ainda continua aqui? Sim! Continua e continuará eternamente.

Infeliz Sete Lagoas!

A matriz daqui estava indecente, pois ha uma enorme violencia chuva de pedras, vindo do céu, e tambem o correr dos annos, furou miseravelmente as paredes. O Sansoni, achando que aquilo não era senão o sinal da decadencia religiosa em nossa cidade, e para captar a simpatia do theatro, arranjou umas meninas para tirarem a respectiva esmola para os concertos e elegeu um caixa do arcaes. Este é um conhecido carola neogotico, que ha annos formava rollos na igreja, batia em padres e... o diabo.

Pois bem. O povo, cansado da esmola, resolveu fechar as algarbias. Os concertos pararam.

Mas, nem por isso faltou ao padre opezteza, o que lhe é peculiar. Ele é o maior inuitor dos nossos rapazes, que não comem da bola e que mostram que são do século XX.

Mas escreveu mesmo assim a cada um, ajudado por um pedante creolinho carola, convidando-os para uma reunião na igreja.

Os rapazes, todos filhos das familias da melhor sociedade setelagoeana, talvez por espirito de curiosidade, lá foram.

Pregou-lhes o Sansoni um sermão e expoz os fins da reunião: era para os rapazes, em commissão, pedirem esmola... para os concertos da matriz (casa de diversões e namoro) e depois de prontos os concertos, mandaram gravar em grandes letras, em alto relevo, no altar-mór, diizes relembrando o anno da victoria de Constantino (o imperador que impingiu ao povo romano o Cristianismo).

Alguns rapazes, que não são tolos e são civilizados, deram o fóra. Os outros, carolas, ficaram, mas não quiseram pedir esmolas nas ruas, pois achariam isso ridiculo e... fora da moda, para uma cidade que é toda arcaes de fios electricos e que quer ser civilizada.

Muito contrariados chegaram a sair um domingo, mas... (não se riam) e arrastaram para as obras, que foram orçadas em 600.000, a quantia de 500 réis! Calculem!

... In hoc signo vinces!

Sete Lagoas, 23 — 1 — 913.

Myself.

Reconheço que a religião é um freio...

Conselheiro Acácio.

UM ARGUMENTO DE PESO

Corteu a imprensa europea o seguinte facto:

Recentemente, em Padua, duas mulheres viram um consorçado entrar numa casa de prostituição. Coisa, aliás, natural. Mas o povo, informado pelas duas mulherzinhas, quiz surpreender nos seus castos exercicios... espirituais o casto sacerdote. A policia acudiu e defendeu a entrada do templo... de Vénus, ao passo que a «patrona» dava ao soltinho um niveo e virginal «compêto» — branco como a innocencia...

O diabo era a gordura do padre, ficava a estalar dentro daquelle estojo de gente. Por isso, quando appareceu na rua, assim vestido, estalou uma enorme gargalhada do publico, que perseguiu a grutesca criatura, escoltada pela policia, e a cobriu de vaias e pilherias, gritando: «Levem-no ao bispô!» Para subtrahir o padre disfarçado ás troças populares, a policia levou-o para o municipio, introduzindo-o na sala das sessões. E eis o mais peculiar do caso: havia sessão, e na ordem do dia figurava uma proposta para restituir ao clero, no interesse da educação da juventude, uma parte de influencia nas escolas!

O padre de branco era mandado por uma «patrona» como um argumento vivo. E de peso!

Muito se riu o diabo naquelle dia!

Seção amena

Segundo refere o Freidenker, de Milwaukee, um pastor metodista, irritado contra um taberneiro que se estabeleceu junto do templo, pregou contra elle no pulpitto, votando-o á vingança divina. Ora, com effeito, algum tempo depois, durante uma violenta trovada, um raio incendiou a taberna. Castigo do céu proclamação do pulpitto.

Ahi sim! disse o taberneiro, que tomou lesguinhos. E fez o seguinte racio cínico: se Deus me incendiou o estabelecimento, e pastor me diz representante dele e que, para mais, pediu em publico a intervenção do patrio, é responsavel, na Terra, pelo prejuizo causado. Pensando assim, encarregou um advogado de obter nos tribunais uma indemnização por perdas e danos, do boizo do pastor. Deus se uio em Stroudsburg (Pensilvania), os raios costumam cair nas igrejas... Desta vez houve de cuido da Divindade...

Dois operarios discutiam sobre a divindade e seus attributos. Um deles, o mais ceptivo, disse, por exemplo, certas divindades e restrictions d'omnipotencia de Deus.

A Deus nada! absolutamente nada! absolutamente nada! clamava o outro, exaltado.

— Ora façamos uma suposição, objectiva o ceptivo. Eu e Deus jogamos a bisco e é uma suposição; e claro. Eu tenho o de de trunfo, jogou o diabo. Sr. Deus, corte-me lá isso, se e capaz! Heu?

Definição: Taumaturgo — apparelo automatico, mágico, que, com o uso de certos ritos, magias, não funciona.

A "Lanterna" em Portugal

É nosso representante em Lisboa, autorizado a tratar de tudo que se refere a esta folha, o cidadão Neco Vasco, residente á rua da Barroca, 94, 2.º

TRADUÇÕES PESSOA HABILITADA
COM UM CURSO SUPER

TRADUÇÕES PESSOA HABILITADA
COM UM CURSO SUPERIOR E COM UMA LONGA PRÁTICA DE
TRADUTOR INCUMBE-SE, POR PREÇOS RA-
ZOÁVEIS, DE TRADUÇÕES PORTUGUESES
DO INGLÊS, FRANCÊS, ITALIANO E ESPAN-
HOL, DE CARACTER TÉCNICO, SCIENTÍ-
FICO OU LITERÁRIO, BEM COMO PARA CA-
TÁLOGOS. VERSÕES ESMERADAS E ESCRU-
PULOSAS. TRATA-SE NESTA REDACÇÃO.

Coalho liquido Halley

É o melhor e o mais barato. Uma colher de coelho basta para coagular um litro de leite.

Vendas condicionaes: se não for melhor do que qualquer marca existente no mercado aceita-se o vidro mesmo violado.

DEPÓSITO

Avenida Affonso Penna, 34
Bello Horizonte

Engenho Stamato

Sem engrenagem para moagem de cana com salvaguarda para evitar desastre. Privilegiado e premiado com diversas medalhas de bronze, prata, ouro. R. ...

RAPHAEL STAMATO
Filial, Rua da Alfandega, 194 -
Rio de Janeiro.
Fundição e Mechanics, Rua Santa
Rosa, n. 2 - S. Paulo.

FUNDADA EM 1857

Escusado é dizer-se que esta é a única fabrica que vende sem reserva de preços. Seus productos são conhecidos em todo o Estado

Pereira & Comp.
Avenida Rangel Pestana, 60
— S. Paulo —

CALLOS
POMADA
para Callos, Cravos,
FRIEIRAS, BERRUGAS
e Unhas Encravadas
A LISBENSE
Preparado do Sr.
Arthur Alves de Souza

A melhor até hoje conhecida
extrae os callos com a
raiz e não voltam mais.
Dá Alegria ao pé. 1 Duzia,
10\$000.
Vende-se em todas as farmá-
cias e Drograrias da Capital
e em todo o Brasil.
Deposítarios: Drograria Ba-
rue! & Comp. -- Rio de Ja-
neiro: Drograria Matos - Rua
7 de Setembro, 81.

dizei-me o que quereis que
saiba. Dentro de duas horas, estarei
informado.

— Meu Deus, meu Deus! Não
posso dizer-vos nada... e no entanto...
to... Que fazer?

A freira parecia muito agitada.
— Quêr saber, disse ela...

— Certo, senhor, disse ela
repente, podeis levar-me junto
Cavaleiro?
— Isso, sim. Já, se o desejar.
— Hoje, é impossível. Mas den-
tro de três dias, á mesma hora, esper-
me aqui...
— Aqui estarei, irmã.
— Ia a frouxa atestar-se, e ou-

Estocada a reteve:

— Irmã, um favor: quem são os dois frades que estão no vosso convento?

— Frei Oremus e D. Mafio...

— Bem sei; mas que fazem e...

— Visto que sois amigo do t
valeiro, é preciso que o saibais :
frades estão ha sete dias no c

E a carmelita, palida, afastou-se rapidamente, deixando todo confuso o gasco, que voltou lentamente para casa do lavrador. Que pa-

seria aquele? Sabê-lo-ia da carne
lita, três dias depois. Mas era p
ciso mais do que nunca vigiar est
tamente os dois frades.

Ao chegar, Estocada escreveu
lapis um bilhete, que Cabeça
Ferro foi levar logo ao castelo

Duas horas após o recreio, a receu na horta do convento u carmelita, acompanhada por u jovem sem habito. Na carme

(Continúa)